

A REINVENÇÃO DA “HIPÓTESE SAPIR-WHORF”¹

Isadora Machado²

Resumo: *Objetiva-se demonstrar a equivocidade dos sentidos em torno do que ficou conhecido, no século XX, como Hipótese Sapir-Whorf. Para tanto, analisam-se os diferentes processos de construção da autoria em Edward Sapir e em Benjamin Whorf, bem como a circulação das diferentes definições da Hipótese. Demonstra-se que, na história das ideias linguísticas, a Hipótese Sapir-Whorf se constitui em um desacordo entre: quem seriam seus autores, qual seria a melhor maneira de designá-la e, ainda, a que conceito ela refere. A partir disso, insta-se a refletir sobre uma prática científica perspectivista, que faz trabalhar as possibilidades de uma poética do comum.*

Abstract: *The objective is to demonstrate the equivocality of meanings around what became known as Sapir-Whorf Hypothesis, in the twentieth century. Therefore it analyses the different authorship construction processes in Edward Sapir and Benjamin Whorf, and also the movement of different hypothesis settings. It demonstrates that in the history of linguistic ideas, the Sapir-Whorf Hypothesis is done in the disagreement between who would be their authors, what would be the best way to designate it and also which is the subject of it. From this, it urges to reflect on a scientific perspective practice, which does work the possibilities of a “poetic of mutual”.*

Tudo o que não invento é falso.

Manoel de Barros

Agis dans ton lieu, pense avec le monde.

Édouard Glissant

1. Palavras iniciais

As teorias e os métodos linguísticos circulam, de um modo geral, como se houvesse obviedade ou mesmo homogeneidade em suas questões, propósitos, objetos – como se houvesse um acordo sobre

quais seriam os *problemas* pelos quais as Ciências da Linguagem são responsáveis. Cada ponto dessa rede de saberes, entretanto, é algo bem mais complexo do que costuma parecer. Na medida em que vamos desenrolando o novelo de uma ideia, descobrimos diferentes caminhos do sentido, por vezes contraditórios. Uma ideia é um amálgama, de modo que é preciso *dissolvê-la* para compreender sua história.

O objetivo deste artigo é dissolver a evidência com a qual tem sido lida a “Hipótese Sapir-Whorf” (HSW). Para tanto, demonstramos que o processo de constituição da autoria em Edward Sapir (1884-1939) e em Benjamin Whorf (1887-1941) é bastante diferente. Os dois autores, inclusive, não formularam a hipótese que recebe o nome deles. Ela só foi *inventada* em 1954, em uma conferência proferida por Harry Hoijer (1904-1976), intitulada *Sapir-Whorf Hypothesis*. Diante disso, somos instados a investigar quais os sentidos da HSW que circulam em diferentes comentadores do tema.

Primeiramente, trazemos o problema geral da autoria, para em seguida compreender de que maneira ela se coloca em Sapir e em Whorf. A partir disso, analisamos diferentes artigos de diferentes épocas produzidos por comentadores da hipótese, com vistas a perceber os efeitos da tentativa de definir uma ideia que só existe em sua equivocidade. Esperamos, nesse percurso, contribuir para a interpretação e constituição da História das Ideias Linguísticas, de maneira que a prática científica possa ser pensada como uma poética do comum.

2. A questão da autoria

Michel Foucault (1969), ao golpear o corolário do sujeito metafísico, questiona a evidência com que tomamos as “categorias” de escrita, de obra e de autor. Afirma que a questão “o que é um nome de autor” apresenta uma série de complicadores, dentre eles o fato de que o nome de autor é um nome próprio e, dessa maneira, tem outras funções que não apenas as indicadoras, pois está situado entre os polos da descrição e da designação (nem totalmente uma, nem totalmente outra). O nome de autor não seria apenas um “nome de discurso”, já que exerceria um determinado papel – “o nome de autor não transita, como o nome próprio, do interior de um discurso para o indivíduo real e exterior que o produziu, mas que, de algum modo, bordejia os textos,

recortando-os, delimitando-os, tornando-lhes manifesto o seu modo de ser ou, pelo menos, caracterizando-lhes” (FOUCAULT, 1969/2006, p.46-47). Este lugar de origem ao qual poderia ser remetido um determinado discurso, e que Foucault denomina função-autor, é passível de penalização no interior de uma sociedade, bem como não se exerce de forma universal em todos os discursos, na medida em que nem sempre os mesmos textos pedem autoria nas mesmas épocas (houve um tempo em que dos textos literários, por exemplo, não se perguntava sobre o autor, o que seria impensável nos dias de hoje). Além disso, a função-autor é a construção de “um certo ser racional”, com poder profundo de criação, e em cuja escrita certos conjuntos de signos remetem ao locutor real. Dessa maneira,

a função-autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que encerra, determina, articula o universo dos discursos; não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização; não se define pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas através de uma série de operações específicas e complexas; não reenvia pura e simplesmente para um indivíduo real, podendo dar lugar a vários “eus” em simultâneo, a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem ocupar. (FOUCAULT, 1969/2006, p.57)

Orlandi (1988), entretanto, produz outro entendimento da função-autor. Retoma Ducrot (1985), para em seguida deslocar-se, ao dizer que o locutor e o enunciador são funções enunciativas do sujeito, mas que o “autor” também é uma dessas funções (no que então se desloca da ideia ducrotiana). Locutor, enunciador e autor seriam, portanto, funções enunciativas do sujeito –

nossa proposta é, então, a de colocar a função (discursiva) autor junto às outras e na ordem (hierarquia) estabelecida: locutor, enunciador e autor. Nessa ordem, teríamos uma variedade de funções que vão em direção ao social. Dessa forma, esta última, a de autor, é aquela (em nossa concepção) em que o sujeito falante está mais afetado com o social e suas coerções. (ORLANDI, 1988/2007, p.77)

Assim, o autor, enquanto a função em que o *eu* se coloca como origem do que diz, é a “dimensão discursiva do sujeito que está mais determinada pela relação com a exterioridade (contexto sócio-histórico)” (ORLANDI, 1988/2007, p.77) e, portanto, está mais coagido pelas regras da instituição, fazendo com que sejam mais visíveis os procedimentos disciplinares. Se para Foucault a função-autor não vale em todos os discursos, Orlandi atribui um outro alcance para esta função pensando-a como uma função discursiva, para dizer que o princípio de autoria é necessário a qualquer discurso, pois são justamente os efeitos dessa autoria que produzem o efeito de unidade da textualidade e do discurso: o sujeito necessita transitar “da multiplicidade de representações possíveis para a organização dessa dispersão num todo coerente, apresentado-se como autor, responsável pela unidade e coerência do que diz” (ORLANDI, 1988/2007, p.76). Há, nesses termos, uma “assunção de autoria”, pois “o autor é o sujeito que, tendo o domínio de certos mecanismos discursivos, representa, pela linguagem, esse papel na ordem em que está inscrito, na posição em que se constitui, assumindo a responsabilidade pelo que diz, como diz etc.” (ORLANDI, 1988/2007, p.76).

Nesses termos, portanto, caracterizaremos a seguir as diferentes formas como a autoria, nesse sentido orlandiano, é construída em Sapir e em Whorf.

3. Edward Sapir

Edward Sapir (1884–1939) nasceu na Pomerânia, antigo território da Prússia, hoje território da Alemanha. Emigrou para os Estados Unidos da América em 1889 e lá realizou todos os seus estudos. Obteve o bacharelado e o mestrado em filologia germânica pela *Columbia University* e o *P.h.d.* em Antropologia pela mesma universidade, sob a orientação de Franz Boas (1858–1942). Sapir, desde o bacharelado, sempre se interessou pelas línguas ameríndias e chegou a descrever várias delas, principalmente línguas indígenas nos Estados Unidos da América e no Canadá. A maior parte de seus trabalhos foi dedicada a este tema e, em decorrência do contato com diversas línguas estrangeiras, oriundas de culturas que ele classificou como exóticas, é que formulou diversas de suas ideias a respeito da linguagem.

Antes de publicar *Language*³ (1921), uma de suas obras mais conhecidas, Sapir publicou uma série de artigos e livros que descreviam e analisavam diversas línguas ameríndias. Entretanto, diferenciando-se da Linguística feita na Europa, essa “descrição” tinha um cunho antropológico, a tal ponto que Boas, que é tido com um dos clássicos da antropologia, trabalhava junto ao linguista, pois descrever uma cultura era, inevitavelmente, descrever sua língua.

Sapir, enquanto “nome de autor”, estava individualizado em uma instituição acadêmica. Desde seus estudos de formação em universidades tradicionais dos EUA, até sua atuação enquanto pesquisador e professor na *University of Chicago* e na *University of Yale*, seu nome passa a definir um certo domínio de pesquisa e a descrever uma prática. Dessa maneira, em 1921 ele lança *Language* com o objetivo específico de sistematizar o que é, de sua perspectiva, a linguagem. Segundo Sapir (1921/2004, p.03), esta obra serviria “para fornecer uma certa perspectiva sobre a linguagem, e não para reunir fatos sobre ela”⁴ e também “para mostrar o que eu entendo ser a linguagem, qual é sua variabilidade no tempo e no espaço e qual é sua relação com outros interesses humanos fundamentais – o problema do pensamento, a natureza dos processos históricos, raça, cultura, arte”⁵. Identificamos em sintagmas como “uma certa perspectiva”, “o que eu entendo ser a linguagem” e a definição do que seriam “interesses humanos fundamentais” marcas da “assunção de autoria” (ORLANDI, 1988), já que aqui o sujeito se coloca marcadamente como responsável e instaurador de um determinado discurso. Além disso, outra marca muito comum na construção de autoria é recortar um memorável como passado do que se diz. Neste prefácio, Sapir se filia a Benedetto Croce e se diz em débito com Croce por este ter colocado o problema da linguagem em relação à arte.

Language é uma obra que procura definir não apenas *o que é a linguagem*, mas coloca seu autor como lugar de origem dessa definição. Se considerarmos que um título é sempre reescrito pelo conteúdo da obra,⁶ vemos na separação dos capítulos tudo aquilo que seria a linguagem e o que a afetaria. O trabalho dessa autoria está representado, por exemplo, na divisão dos capítulos, que apresenta, como foi anunciado no prefácio, tanto os elementos que compõem a língua (os sons, as formas, os processos gramaticais etc.), quanto os

fatores que a afetam (história, leis fonéticas, raça, cultura, literatura etc.).

O lugar-autor de Sapir era de tal modo constituído que, quando de sua morte, diversos intelectuais da época publicaram artigos sobre ele. Linguista dinamarquês de grande projeção, Louis Hjelmslev (1899-1965) afirmou na ocasião que “quando ele [Hjelmslev] leu o trabalho [de Sapir], foi para ele como uma revelação e uma confirmação de suas vagas intuições a respeito de uma linguística geral comparativa que poderia ir além do tipo de abordagem feita até então”⁷⁸. Dessa maneira, Sapir, enquanto nome-de-autor, entra para a história de uma linguística não-saussureana feita na América.

4. Benjamin Whorf

A trajetória de Whorf é bastante diferente da de Sapir. Benjamin Lee Whorf (1897-1941) nasceu em Massachusetts, nos Estados Unidos da América. Iniciou o curso de química no MIT e trabalhou como inspetor de incêndio em uma firma de seguros. Segundo John Bissell Carroll (1916-2003), organizador da obra de Whorf, Whorf mantinha seu emprego como inspetor químico e, paralelamente, durante suas viagens de trabalho, mantinha seus estudos sobre outras áreas, como trabalhos sobre a escrita Maia. Desse modo, os conhecimentos que adquiriu em linguística geral e em metodologia linguística foram em grande parte por conta própria. Seu conhecimento, segundo Carroll (1956), provavelmente nunca tivesse amadurecido se ele não tivesse encontrado Sapir, que, na época, era uma das maiores autoridades não só em línguas ameríndias, como também em linguística geral.

O primeiro encontro de Whorf com Sapir se deu em setembro de 1928, no Congresso Internacional de Americanistas, e depois em 1929 e 1930, no mesmo Congresso. O contato mais próximo com Sapir, entretanto, só se deu de modo definitivo em 1931, quando Whorf foi para Yale assumir seu posto de professor de Antropologia para ensinar linguística.

Whorf ficou conhecido pelo estudo da língua Hopi e, em 1932, conheceu um falante nativo dessa língua que morava em Nova Iorque. Com instruções de Sapir, Whorf passa a desenvolver uma análise linguística do Hopi para, em 1938, passar um breve período no Arizona, em uma reserva Hopi. Whorf acreditava que seria impossível

popularizar a Linguística se ela não tivesse um apelo popular: “essa mensagem, acreditava Whorf, era que a Linguística tem muito a dizer sobre como e o que pensamos” (CARROLL, 1956, p.18) ⁹. Desse modo, é um dado importante o desejo de Whorf de popularizar a Linguística por meio de um assunto específico: o pensamento, já que encontramos em seus artigos este forte apelo. O estudo do “pensamento” entra em cena, portanto, não por razões teóricas e analíticas, mas fundamentalmente para cumprir a necessidade, sentida por Whorf, de *popularizar a Linguística*. Isso demonstra uma construção particular do conhecimento, qual seja: sobrepor ao material de trabalho e de análise um interesse e um assunto bastante definidos – nesse caso, o interesse de popularizar a Linguística, falando do pensamento (o que quer que isso signifique).

Quando tomamos a única obra publicada com autoria injungida a Whorf, o primeiro a se notar é que se trata de uma organização, editada por John B. Carroll. Aqui começam as diferenças do processo de autoria entre Sapir e Whorf, pois quem dá “unidade” aos textos de Whorf é um editor, que não somente escolheu os textos que comporiam a obra, como deu título a artigos inacabados, completou trechos não finalizados e deu nome ao conjunto: *Language, Thought and Reality*¹⁰. O editor indica em todos os textos a natureza das alterações e alguma explicação, no caso de textos que não foram publicados por Whorf. Se tomamos o primeiro texto da obra, “On the connections of ideas”¹¹, temos um bom exemplo de como Carroll produz a unidade que é imputada ao autor-Whorf: o texto nunca foi publicado por Whorf, foi encontrado “parcialmente datilografado, parcialmente escrito à mão” como um “projeto de carta” (CARROLL, 1956, p.35) que não se sabe ao certo se foi terminada e enviada, e nela o editor afirma que fez “algumas emendas editoriais e alterações quando necessário”. Vale lembrar que Carroll chama esse texto de “ensaio não publicado”. Dessa forma, um fragmento de carta, em parte manuscrita em parte datilografada, é alterado, emendado e transformado em ensaio que possui um título.

Esse gesto de editoria se repete em outros artigos. O editor afirma que alguns “textos” foram encontrados no meio de outros, alguns muito rabiscados, e que ainda podem ser parte de outros textos. No caso dessa obra de Whorf, aquele que cumpre a função-autor, no sentido de selecionar, dar unidade, etc., não “coincide” com o nome

ao qual é imputada a responsabilidade jurídica do texto, mas com o editor.

Chase (1956), no Prefácio da obra, afirma que, tal como Einstein encontrou a relação entre elementos aparentemente divergentes – tempo e espaço – e deu nova dimensão ao conhecimento humano, assim também Whorf estabeleceu a relação entre a linguagem humana e o pensamento humano. Afirma ainda que a razão que encontra para alguém como Whorf, profundamente estudioso da linguagem, ter permanecido na “escuridão” durante tanto tempo é o fato de não ter formação na área específica de Linguística, mas na de Engenharia Química¹². Com essa afirmação, provoca o efeito, que será muito comum em outros comentadores, de evocar Sapir, que teve essa formação específica, de modo silenciado¹³. As análises que apresentamos a seguir indicam justamente essa tensão, entre o nome de Whorf e o nome de Sapir.

5. A invenção da Hipótese Sapir-Whorf

É no mínimo intrigante o fato de dois autores tão diferentes, que nem sequer tiveram uma relação profissional estreita, nomearem uma hipótese que nunca definiram. Carroll (1956, p.27) faz uma curiosa construção: “O princípio whorfiano de relatividade linguística, ou, mais rigorosamente, a hipótese Sapir-Whorf (uma vez que Sapir certamente contribuiu para o desenvolvimento da ideia) atraiu, evidentemente, bastante atenção”¹⁴. A Hipótese Sapir-Whorf é a deriva de “Princípio da Relatividade Linguística de Whorf”, o que significa o trabalho de Sapir como “colaborador” no desenvolvimento da ideia e significa o trabalho de Whorf como principal, estabelecendo assim uma hierarquia entre as duas obras.

O nome “Hipótese Sapir-Whorf” foi utilizado pela primeira vez por Harry Hoijer, em 1954, numa conferência intitulada “Sapir-Whorf Hypothesis”. Entretanto, segundo Koerner (1995, p.206), as “bases” do que seria a hipótese remontariam a Wilhelm von Humboldt (1767-1835) e sua haste de filiações na América¹⁵. A questão é controversa, mas o autor aponta que a linha de filiações se daria da seguinte forma: “Humboldt > Steinthal > Boas > Sapir > Voegelin > Hymes -> Darnell”. Koerner afirma ainda que isso não é ponto pacífico nas discussões, e alguns autores remontam a hipótese a Aristóteles. Outros a Leibniz.

A construção de Carroll (1956) é sintoma de um movimento que se desenvolverá nas décadas seguintes: a atribuição da Hipótese a Whorf, apesar de, nos manuais brasileiros de linguística, o nome de Whorf não circular fora do sintagma “hipótese Sapir-Whorf”, ao passo que o nome de Sapir figura, sozinho, em vários trabalhos brasileiros. Outra característica nas reformulações da hipótese é, paralelamente a isso, a compreensão da hipótese por um viés cognitivista e biologizante, que é permitido muito mais por Whorf que por Sapir, por conta das diferentes configurações de autoria. Whorf, como dissemos, queria popularizar a Linguística e uma das formas de fazê-lo seria discutir um assunto de amplo interesse, como o pensamento.

Alguns autores já mostraram as diferenças existentes entre o que poderia ser compreendido como “relativismo linguístico” em Sapir e em Whorf. Sapir estaria ligado à *Weltanschauungstheorie*¹⁶, herdeira de Leibniz, Herder, Vico, Humboldt, etc.; enquanto Whorf falaria de relatividade a partir da física e da teoria da relatividade, de Einstein. A apropriação de uma determinada linguística cognitivista de viés biológico da “obra” de Whorf, determinando assim a significação dos textos, fica explicada pelas diferentes, não apenas autorias, mas também filiações que Sapir e Whorf produzem.

Demonstraremos a seguir aspectos significativos da circulação das formulações em torno do que os manuais de Linguística chamam de *Hipótese Sapir-Whorf*. Para tanto, tomamos seis artigos de estudiosos emblemáticos do tema, e que foram escritos em diferentes décadas.¹⁷ Analisamos, nos recortes que ora trazemos, o processo de deriva dos sentidos¹⁸ que é produzido quando se trata de definir *uma hipótese*.

[A] “Linguistic Relativity: the views of Benjamin Lee Whorf”¹⁹, Max Black, 1959.

[a1] O objetivo de interpretar o que Whorf chamou de “relatividade linguística”, de modo minimamente preciso para ser testado e criticado, encontra enormes obstáculos em seus escritos: formulações variáveis dos pontos principais são frequentemente inconsistentes, há muito exagero e um misticismo vaporoso obnubila perspectivas já bastante indefinidas. O pensamento dominante está felizmente expresso em uma citação que o próprio Whorf faz de Sapir na epígrafe de seu melhor ensaio: “os seres humanos não vivem sozinhos no

mundo objetivo, nem no mundo da atividade social tal como é ordinariamente compreendido, mas estão isto sim à mercê de uma língua particular que se tornou o meio de expressão da sociedade humana. É uma grande ilusão imaginar que alguém se ajusta substancialmente à realidade sem usar a língua ou que a língua é uma maneira fortuita de resolver problemas específicos da comunicação e da reflexão. O fato é que o “mundo real” é em grande medida construído inconscientemente sobre os hábitos linguísticos do grupo.” Isso tem sido chamado de “Hipótese Sapir-Whorf”.²⁰

Nesse trecho, de início é imputada a Whorf a criação do conceito de “relatividade linguística”, mas este é significado como inconsistente, exagerado e repleto de misticismos. A “ideia dominante”, segundo o Black, está expressa em uma citação de Sapir. Há a presença de um advérbio significando a possibilidade de se compreender as ideias de Whorf – felizmente – *porque*, estabelece-se uma relação de causa, ele próprio citou Sapir, que resume a ideia. Toda a citação de Sapir é, em seguida, retomada pelo pronome “isso” e então “Sapir-Whorf Hypothesis” passa a ser significada por uma definição. Hipótese Sapir-Whorf é/diz que “seres humanos não vivem no mundo objetivo sozinhos [...]”. Dessa maneira, Whorf cunhou o conceito de *relatividade linguística*²¹, e a definição desse conceito é um trecho de um texto de Sapir.

[a2] É bastante óbvio que uma língua impõe a seus usuários um vocabulário e uma gramática herdados; mas é claro que Whorf quer dizer algo além disso. A “experiência” precisa ser um subsistema composto por “padrões” que são significativos tanto para o falante nativo quanto para o linguista que o investiga.²²

Já aqui, a ideia de que a “linguagem impõe uma gramática e um vocabulário herdados a seus usuários”, que poderia ser uma das formulações da HSW, “é muito óbvio para ser mencionado”. O autor afirma então que Whorf, e não Sapir-Whorf, dizia mais que *simplesmente isso*. Percebe-se então o jogo entre o recorte anterior e este, já que as ideias de Whorf podem ser resumidas com uma citação de Sapir, e então a “relatividade linguística” de Whorf é a citação de

Sapir e tudo isso é a HSW, mas, em seguida, é apenas Whorf que diz mais que “a linguagem...”.

De imediato fica claro que há um deslize constante entre a) quem “fabricou” a Hipótese e b) o que a hipótese afirma.

[B] “Penguins Don't Care, but Women Do: A Social Identity Analysis of a Whorfian Problem”²³, Fatemeh Khosroshahi, 1989.

[b1] Em várias ocasiões, a hipótese Sapir-Whorf é tomada como verdadeira independente de sua natureza empírica. As tentativas feministas para eliminar o “ele” genérico devem supor que de alguma maneira a linguagem afeta o pensamento, uma vez que não há uma ofensa intrínseca no uso da própria palavra. As pesquisas, até hoje, de alguma maneira tem mostrado que o “ele” genérico tende a sugerir um referente masculino na cabeça do leitor. Este estudo pergunta se a interpretação das pessoas a respeito de uma sentença genérica varia dependendo se elas seguem ou não propostas feministas e corrigiram a própria linguagem.²⁴

Neste estudo de caso, a hipótese é definida implicitamente. A justaposição das frases mostra que “The Sapir-Whorf hypothesis” é compreendida como o fato de “a linguagem afetar o pensamento”.

[b2] A reivindicação de que as palavras genéricas masculinas auxiliam a perpetuar a visão de mundo androcêntrica supõe, de modo mais ou menos explícito, a validade da hipótese Sapir-Whorf, segundo a qual a estrutura da língua que falamos afeta a maneira como pensamos (cf. Whorf, 1956). Para muitos de nós, é uma experiência atrativa que línguas diferentes nos fazem pensar e sentir diferentemente.²⁵

Nesse outro trecho, a Hipótese é significada pela mesma relação, mas de modo mais específico, já que não é meramente a “linguagem”, mas a “estrutura da linguagem” que afeta, não o pensamento de um momento geral, mas “o modo como pensamos”. Já na frase que segue, é acrescido ao par “línguas diferentes”–“pensar diferente” outro verbo: sentir. Esse trecho dá a ver ainda que, se no artigo anterior a definição do que Whorf criou, a “relatividade linguística”, era uma citação de Sapir, nesse trecho há uma definição do que seria a

“hipótese Sapir-Whorf” no aposto, e em seguida a remissão é ao texto de Whorf em que ele cita Sapir.

[b3] Dessa maneira, se consideramos a forma fraca²⁶ da hipótese Sapir-Whorf, que postula que diferenças na língua são correlatas com diferenças no pensamento, podemos reapresentar nossa conclusão dessa maneira: todos os grupos conformam a tese de Whorf, exceto os homens que corrigiram suas linguagens.²⁷

Nesse trecho, a hipótese aparece adjetivada por “forma fraca”, de maneira que existiria uma “versão mais fraca” e, por conseguinte, apesar de isso não estar dito aqui, uma “versão mais forte” da hipótese. A versão mais fraca utiliza o adjetivo “correlatas”, ou seja, há uma “ligação” entre linguagem e pensamento, e não uma “determinação” ou uma “relação direta” entre linguagem e pensamento.

[b4] Apesar de estarmos longe da especulação de Whorf (1956), de que a estrutura da língua afeta a ideologia de natureza de alguém, esse achado [do artigo] é um caso em que a língua tem consequências cognitivas.²⁸

Nesse recorte há outro deslize notável: HSW é dita como “Whorf’s speculation”, e o “conteúdo” da Hipótese passa a ser a relação entre a linguagem e a ideologia (no sentido de conjunto de concepções), que, por sua vez, é afetada pelo sentido de “consequências cognitivas”.

[b5] Assim como Whorf especulou dizendo que a linguagem afeta o pensamento, alguns pesquisadores têm defendido que uma mudança na ação produz mudança cognitiva, tal como no conselho de Pascal: “Reze, e a fé vem em seguida” (...). Na verdade, há um pouco de fundamentação empírica nessa ideia (...), e trata-se de uma ideia com implicações sociais de grande importância. De fato, a noção de que uma mudança no que as pessoas fazem pode conduzir a uma mudança no que elas pensam tem sido parte da lógica usada para importantes programas de mudança social, tal como os programas de dessegregação racial nos Estados Unidos (...). No entanto, como mencionamos anteriormente, o modelo desse estudo não permite

inferir que a mudança da linguagem das mulheres resulta na mudança do pensamento delas. Desse modo, não podemos dizer muito sobre a “formulação dura” da hipótese de Whorf ou sobre o efeito da ação no pensamento.

Nesse trecho que encaminha a conclusão do artigo, novamente as ideias de Whorf são significadas como especulação e novamente aparece a divisão da hipótese (de Whorf) como forte ou fraca.

[C] “Does Language Embody a Philosophical Point of View?”²⁹, Charles Landesman, 1961.

[c1] Não foi muito depois de os antropologistas descobrirem que as culturas primitivas se comportam de maneira diferente de civilizações mais avançadas que o relativismo moral se tornou um ponto de vista popular na Ética. Novamente, foi a combinação do trabalho de antropologistas com estudantes da linguagem que deu origem a outro tipo de doutrina relativista: a relatividade linguística. Essa doutrina, algumas vezes chamada de hipótese Sapir-Whorf, desafia a visão do senso comum, que alega que falando, escrevendo ou pensando com palavras estamos simplesmente fazendo afirmações sobre um mundo previamente inteligível. Ao invés disso, argumenta que “o ‘mundo real’ é em grande medida construído com base nos hábitos linguísticos de um grupo” e que portanto cada concepção da realidade é relativa à língua nativa de cada um. “Somos dessa maneira iniciados”, diz Whorf, “em um novo princípio de relatividade, segundo o qual os observadores não são induzidos pelas mesmas evidências físicas para a mesma visão do universo, mesmo que o plano de fundo linguístico seja similar, ou que possa ser nivelado”.³⁰

A “relatividade linguística” é aqui significada pelo paradigma estabelecido com “relativismo moral”, que é definido como um postulado da ética elaborado a partir da “descoberta” das diferenças entre os comportamentos de culturas diferentes (etnocentricamente, mais ou menos civilizadas). Em seguida, Sapir e Whorf aparecem como implícito de “antropologistas em combinação com estudantes da linguagem”. A “relatividade linguística” é colocada no conjunto de “outro tipo de doutrina relativista”, e dessa maneira *doutrina* passa a

agir nos sentidos do que seria a hipótese. O aposto que é feito em “Esta doutrina [do relativismo], em alguns momentos chamada de Hipótese Sapir-Whorf” produz uma espécie de hiponímia, como se a doutrina do relativismo fosse algo mais genérico que em alguns momentos é especificada por HSW. O nome dos autores aqui funciona então como uma espécie de etiqueta, como se o sintagma Sapir-Whorf fosse um nome só, e não nome de autores. Outro movimento que constrói os sentidos da hipótese é a oposição estabelecida entre o que seria o *sensu comum sobre a linguagem* – que diria ser esta que produz afirmações sobre um mundo estabelecido anteriormente, e a *doutrina da relatividade*, que diria ser o mundo construído depois da linguagem. Essa oposição, na estrutura X ao invés de Y, retoma uma longa discussão estabelecida na Filosofia sobre “quem veio primeiro”, mas apresenta este debate como se ele se desse no “sensu comum”.

[c2] A hipótese Sapir-Whorf explora um conceito popularizado pela psicologia freudiana, o dos processos mentais inconscientes. Assim como Freud alegou que vários dos produtos atribuídos ao raciocínio consciente são na verdade criados por eventos fora do controle consciente, Whorf também postula um inconsciente linguístico constituído por um arsenal de hábitos linguísticos^{31, 32}.

A hipótese aqui é apresentada por um verbo muito marcado no inglês, *explorar*, que significa explorar no sentido de tirar partido, e ela tiraria partido de *um conceito popularizado pela psicologia freudiana*. A estrutura linguística que marca a construção é “assim como...também”. Esse movimento coloca a hipótese no conjunto de conceitos popularizados, e é interessante notar que, se na primeira frase aparece *a hipótese Sapir-Whorf*, na segunda só aparece o nome de Whorf (em paralelo ao de Freud).

[c3] Duas perguntas. A primeira é: A linguagem afeta nossa percepção? A segunda: as categorias gramaticais isoladas pelos linguistas afetam as categorias ou conceitos por meio dos quais entendemos o mundo? E assim posso especificar o sentido “fraco” no qual a hipótese Sapir-Whorf é correta.

Ao estabelecer as perguntas a que responderá, o autor da crítica coloca como problema para a Hipótese o questionamento da relação entre linguagem e percepção (e não realidade, e não pensamento, e não cultura), e da relação entre as categorias gramaticais isoladas pelos linguistas (e não apenas as categorias gramaticais) e a forma como compreendemos o mundo (e não a realidade etc.). Novamente aqui aparece a divisão entre o que seria a HSW em sentido *forte* e *fraco*.

[c4] O idealismo linguístico que, representado pelas visões de Whorf, Urban e Cassirer, se apresenta como uma teoria não apenas da gênese dos conceitos de objetos da percepção, mas também da existência e diferenciação dos próprios objetos, é contrariado por alguns resultados da Gestalt, especialmente pela hipótese gestáltica de que a organização da percepção é pré-linguística.³³

O autor opõe o *idealismo linguístico*, novo deslize para HSW, e a escola gestaltiana. O nome de Sapir é novamente apagado e Whorf é colocado ao lado de Urban e Cassirer. A HSW, lida como idealismo linguístico, é definida como *não apenas X* (gênese dos conceitos de objetivos perceptíveis), *mas também Y* (existência e diferenciação dos objetos eles-mesmos).

[c5] Enquanto Cassirer almejava enfatizar a influência do vocabulário na percepção, Whorf, apesar de não negligenciar esse aspecto da questão, formulou sua concepção sobre a influência da linguagem sobre a percepção e o pensamento primordialmente com referência às categorias gramaticais.³⁴

O nome de Sapir novamente não aparece, e, em contrapartida a Whorf, aparece mais uma vez Cassirer. A hipótese desliza para “concepção”, e trata da influência da linguagem na percepção e pensamento primeiramente pela referência a categorias gramaticais. Essa especificação da hipótese relativa às categorias gramaticais é uma ideia nietzscheana que Sapir retoma, mas que não está desenvolvida em Whorf. Essa conclusão, no caso do artigo, está relacionada a Whorf.

[c6] Existem ambiguidades na concepção de Whorf sobre a relação entre a linguagem e a experiência.³⁵

A regularidade quanto ao apagamento do nome de Sapir mais uma vez se mantém, além de “concepção” aparecer novamente significando a Hipótese, que agora desliza mais uma vez para a *relação entre linguagem e experiência* (e não pensamento, e não cultura, e não realidade).

[D] “The Whorf Hypothesis as a Critique of Western Science and Technology”³⁶, Peter C. Rollins, 1972

[d1] O nome de Benjamin Lee Whorf está associado a uma teoria da relatividade linguística que é conhecida por vários títulos – “a hipótese Sapir-Whorf”, “a hipótese Whorf”, “a hipótese Whorf-Lee”. A relatividade cultural simples afirma que todo ser humano nasce em um meio cultural que determina quais elementos do mundo serão importantes para o indivíduo por meio de seus métodos de educação infantil e de reforço cultural. O acréscimo particular de Whorf a esse princípio da relatividade cultural foi sua afirmação da primazia da língua nesse processo de seleção.³⁷

O nome de Whorf escrito por extenso procura remeter ao autor. A este autor, é associada uma *teoria* (e não doutrina, e não concepção), que é a *teoria da relatividade linguística*. Esta teoria é que seria conhecida por vários nomes: Hipótese Sapir-Whorf, Hipótese Whorf, Hipótese Whorf-Lee. Esses outros nomes são grafados como títulos para a teoria da relatividade linguística, fazendo-os coincidir. A relação é estabelecida entre o *relativismo cultural* e a *relatividade linguística*, mas o primeiro é dito como o relativismo cultural *simples*. Dessa maneira, a relatividade linguística é dita como um *tipo* de relativismo cultural. Whorf *adiciona* a primazia da linguagem nesse processo de seleção. A relação aqui passa a ser entre a linguagem e *alguns elementos do mundo*, e não simplesmente com o pensamento ou a realidade.

[E] “Is Language a Prisonhouse?”³⁸, Bradd Shore, 1987.

[e1] O entendimento da linguagem como uma prisão surge em Antropologia na assim chamada Hipótese Sapir-Whorf. Diferenças culturais, especialmente aquelas de visão de mundo, são atribuídas a diferenças linguísticas.³⁹

Nesse trecho, o nome da Hipótese passa a ser responsabilidade de outros: *assim chamada Hipótese Sapir-Whorf*, e é definida como *a compreensão da linguagem como uma prisão*. A relação que ela estabeleceria é entre as *diferenças culturais* e as *diferenças linguísticas*.

[F] “Whorf and His Critics: Linguistic and Nonlinguistic Influences on Color Memory”⁴⁰, John Lucy e Richard A. Shweder, 1979.

[f1] Resta-nos reavaliar a relação entre a investigação sobre as cores e a concepção inicial de Whorf sobre a relação entre linguagem, pensamento e estímulos externos.

Nos textos de Lucy, um dos nomes mais citados quando se trata de falar sobre a *relatividade linguística*, o nome de Sapir praticamente não aparece. A hipótese é dita como *a original concepção de Whorf sobre a relação entre linguagem, pensamento e estímulos externos*. Além do apagamento de Sapir, a relação com a cultura não aparece, e o que poderia ser considerado uma exterioridade aparece como *estímulos externos*.

6. Conclusão

Nos artigos que brevemente analisamos, encontramos alguns funcionamentos regulares: o apagamento do nome de Edward Sapir; o deslize entre *concepção, ideia, doutrina e teoria*; o deslize entre a relação que a Hipótese estabeleceria (linguagem e pensamento; linguagem e realidade; linguagem e cultura; linguagem e estímulos etc.). São nessas tensões entre os autores da hipótese, o nome para designá-la e seu “conteúdo” que a “Hipótese Sapir-Whorf” se constitui na História das Ideias Linguísticas. As diferentes retomadas da Hipótese, seja para se dizer a favor ou contra, explicitam a retomada privilegiada de Whorf em detrimento de Sapir, ligando o primeiro à tradição do relativismo linguístico ao mesmo tempo em que

atribui a ele sua origem. O estudo das condições de produção da Hipótese, que remonta ao processo de confecção de autoria de Sapir e de Whorf, nos mostra que a confecção do Whorf-autor é póstuma e empreendida por um trabalho de edição. Com isso queremos dizer que essa figura da função-autor, tal como a define Eni Orlandi, ou seja, o trabalho de dar limites, definir posições e agir no imaginário da completude do texto, no caso do que é atribuído a Whorf, só existiu por conta de um trabalho editorial.

No caso da chamada hipótese Sapir-Whorf, é digno de nota a própria circulação do enunciado já estabilizado dentro das Ciências da Linguagem, ao menos no Brasil: “hipótese Sapir-Whorf”, conferindo à hipótese dureza de sentido e fazendo com que o enunciado circule como se o conceito ao qual ela refere fosse homogêneo. O efeito de evidência na circulação do termo provoca uma espécie de fechamento interpretativo. Isso quer dizer que, como o termo ‘hipótese Sapir-Whorf’ circula como se fosse um conceito evidente, qualquer tentativa de atribuir a ele outra direção de sentido é dificultada pela tradição de seu uso. Esta tradição se constitui, em grande medida, a partir do trabalho de diversos comentadores e “continuadores” de Edward Sapir e de Benjamin Lee Whorf.

É essencial nesse ponto uma ressalva: apesar de demonstrarmos que a HSW foi reinventada posteriormente aos autores que dão nome a ela, isso não quer dizer que ela não produziu seus efeitos na História das Ideias Linguísticas. Não se trata, de forma alguma, de instaurar um debate como o da autoria do *Curso de Linguística Geral*, em que se argumenta pelo *Saussure dos Escritos* e o *Saussure do Curso*. Ou como a polêmica que diz respeito às traduções para o francês de Bakhtin, que por vezes significam que, se a tradução circulou equivocada durante tanto tempo, o passado a partir da revelação da tradução correta é completamente descartável. Nesse sentido, não se trata de advogar aqui em favor de interpretações como essas. Não se trata de dizer que, se a HSW foi *inventada* pela posteridade, então que isso seria o mesmo que dizer que ela deve ser abandonada por quem a estuda. Muito menos de colocar em xeque todo o conhecimento que se produziu sobre ela e por meio dela. O objetivo desse trabalho é, na contramão disso, demonstrar que o conhecimento não é linear, nem objetivo, nem unívoco. E que isso não é, definitivamente, uma objeção a ele.

Há algum tempo Michel Foucault (1971) identificou no comentário um procedimento interno de exclusão dos discursos, pois o comentário provocaria desnivelamentos em discursos que são familiares entre si e agiria limitando o acaso do discurso pelo jogo de uma identidade da repetição e do mesmo. Assim, por mais que a prática do comentário incite a produção de discursos, não se pode deixar de reconhecer nela um mecanismo de apagamento e de exclusão de outras possibilidades de dizer (condição mesma do dizer, afirma Michel Pêcheux).

Toda a equívocidade de sentidos em torno da HSW, que nosso trabalho demonstra, só adquire alguma validade se for utilizada para potencializar a reflexão sobre nossas práticas acadêmicas. Quando nos colocamos em locais de disputa pela fundação e fundador de uma disciplina, estamos de fato em um terreno de conflito, de confrontos – lugar da contradição na ciência, demonstrada por meio da análise linguística da história. Reivindicar o lugar de “fundadores” de um domínio do conhecimento é sempre incorrer no risco de se perder nesses confrontos políticos, que são em certa medida inevitáveis. Acreditamos, entretanto, que enquanto linguistas devemos nos perguntar constantemente *para quem nosso trabalho trabalha*. Com isso estamos dizendo que estar na linguagem é estar nas relações de disputa, e nesse sentido, para utilizar uma fórmula de Nietzsche, *vontade quer se afirmar sobre vontade*. Fazer trabalhar as contradições disso é, ademais frutífero, ético.

Refletir sobre a HSW inevitavelmente nos coloca, a nós mesmos, nesse terreno acidentado da nomeação – por que nosso trabalho privilegia o nome “hipótese Sapir-whorf” e não outras denominações? Em grande medida, essa entrada de análise procura dialogar com a tradição dos estudos linguísticos no Brasil. Ou seja, é esse nome que encontramos nos manuais brasileiros de Linguística, e que também circula academicamente em nosso imaginário científico. Novamente, vale pouco identificar em nossa análise que os sentidos são equívocos – substantivos: hipótese, concepção, doutrina, ideia; nomes adjetivos: Sapir, Sapir-Whorf, Whorf, Whorf-Lee; designação: relatividade, relativismo, afetação, influência, determinação. Vale pouco porque apenas identifica um processo. Vale mais quando percebemos que não se trata de um processo singular. Facilmente pode ser generalizado, pois é disso que a linguagem é feita – equívocidade, e é no simbólico que estamos imersos por conta da linguagem.

Isso nos leva a defender uma prática científica plural, que não seja feita em busca da Verdade, mas que, na contramão disso, esteja ciente de que a atividade científica produz *verdades*, no plural. Defender a pluralidade não é defender o relativismo: “tudo é válido”. Trata-se de contemplar as possibilidades do *perspectivismo*, para usar um conceito de Nietzsche: o que há são versões, afirma Eni Orlandi. Versões, perspectivas, diferentes pontos de vista que não se subsumem e nem se apartam totalmente. Uma prática científica perspectivista é um convite à prática da criação dos lugares *em comum*, onde possamos circular sem fascismo e sem proselitismo: é preciso lutar por uma poética do comum.

Referências bibliográficas

- BLACK, M. (1959). “Linguistic Relativity: The Views of Benjamin Lee Whorf”. – In: *The Philosophical Review*, Duke University Press, Abril, v.68, n.2, pp.228-238. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2182168>>. Acesso em: 09 set. 2010.
- FOUCAULT, M. (1969). *O que é um autor?*. Lisboa: Vega, 2006, 6ª ed.
- KHOSROSHAHI, F. (1989). “Penguins Don't Care, but Women Do: A Social Identity Analysis of a Whorfian Problem”. – In: *Language in Society*, Cambridge University Press, Dezembro, v.18, n.4, pp.505-525. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4168079>>. Acesso em: 09 set. 2010.
- KOERNER, E. F. K. (1995). *Professing linguistic historiography*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publ. Co.
- LANDESMAN, C. (1961). “Does Language Embody a Philosophical Point of View?”. In: *The Review of Metaphysics*, Philosophy Education Society Inc., Junho, v.14, n.4, pp.617-636. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/20123846>>. Acesso em: 09 set. 2010.
- LUCY, J. SHWEDER, R. (1979). “Whorf and His Critics: Linguistic and Nonlinguistic Influences on Color Memory”. In: *American Anthropologist*, New Series, Blackwell Publishing on behalf of the American Anthropological Association Stable, Setembro, v.81, n.3, pp.581-615. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/675777>>. Acesso em: 09 set. 2010.
- ORLANDI, E. (2005). *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. Campinas: Pontes, 7ª ed.

_____. (1988). *Discurso e leitura*. São Paulo; Campinas, SP: Cortez: Editora da UNICAMP.

ROLLINS, P. C. (1972). “The Whorf Hypothesis as a Critique of Western Science and Technology”. In: *American Quarterly*, The Johns Hopkins University Press, Dezembro, v. 24, n.5, pp.563-583. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2711660>>. Acesso em: 09 set. 2010.

SAPIR, E. (2004). *Language: an introduction to the study of speech*. New York: Harcourt, Brace.

SAPIR, E. MANDELBAUM, D. HYMES, D. (ed.) (1985). *Selected writings in language, culture and personality*. Berkeley: University of California Press.

SHORE, B. (1987). “Is Language a Prisonhouse?”. In: *Cultural Anthropology*, Biological and Cultural Anthropology at Emory University, Blackwell Publishing on behalf of the American Anthropological Association, Fevereiro, v.2, n.1, pp.115-136. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/656399>>. Acesso em: 09 set. 2010.

WHORF, B. (1956). *Language, thought, and reality: selected writings of Benjamin Lee Whorf*. Cambridge: MIT.

Palavras-chave: Ideias linguísticas (História); Sapir, Edward, 1884-1939; Whorf, Benjamin Lee, 1897-1941.

Keywords: Linguistics ideas (History); Sapir, Edward, 1884-1939; Whorf, Benjamin Lee, 1897-1941.

Notas

¹ Trata-se de uma versão modificada de um subcapítulo de minha tese de doutorado, intitulada *Nietzsche, o destino singular da linguagem*, defendida em fevereiro de 2015.

² Licenciada em Letras-Português (Ufes), mestre e doutora em Linguística (Unicamp). Atua principalmente nas áreas de História das Ideias Linguísticas, Semântica da Enunciação e Filosofia da Linguagem. E-mail: isadoralmachado@hotmail.com

³ A tradução brasileira data de 1954 e foi realizada por Mattoso Câmara Jr. Segue: SAPIR, Edward; CÂMARA JUNIOR, J. Mattoso (Coaut. de). *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. Rio de Janeiro, RJ: INL, 1954. É interessante ainda investigar de que maneira essa arenga teórica a respeito da Hipótese Sapir-Whorf chega ao Brasil.

⁴ “to give a certain perspective on the subject of language rather to assemble facts about it” (SAPIR, 1921/2004, p.iii, grifo nosso)

⁵ “o show what I conceive language to be, what is its variability in place and time, and what are its relations to other fundamental human interests – the problem of thought, the nature of the historical process, race, culture, art (p.iii, grifo nosso).

⁶ Cf. Guimarães, 2002, 2007, por exemplo.

⁷ “when he first read the work, it was to him a revelation and a confirmation of his own vague anticipations of establishing a comparative general linguistics that would supersede the previous kind of approach”, citado em Mandelbaum, 1985, p.xi.

⁸ Durante o texto, apresentamos nossas traduções dos textos em inglês. O excerto original figurará nas notas de fim.

⁹ Nisso talvez antecipando o gerativismo. Curiosamente, Chomsky retoma Wilhelm Von Humboldt em *Cartesian Linguistics...*

¹⁰ Não temos notícia de uma tradução para o português. A edição americana é de 1956: WHORF, Benjamin Lee; CARROLL, John Bissell (Coaut. de). *Language, thought, and reality: selected writings of Benjamin Lee Whorf*. Cambridge, MA: MIT, 1956.

¹¹ Sem tradução oficial para o português. Tradução: “Sobre as conexões de ideias”. Todos os demais casos sem tradução oficial serão apenas apresentados entre aspas.

¹² É no mínimo curioso então que, mesmo sem uma “formação específica”, como diz Chase, ainda assim foi Whorf nomeado professor de linguística no curso de Antropologia.

¹³ Se Whorf não foi lido porque não tinha formação em linguística, quem teve formação e foi lido? Falamos de silêncio então como uma materialidade, no sentido que Eni Orlandi conceitua silêncio, na obra fundadora *As formas do silêncio* (1992).

¹⁴ Whorf’s principle of linguistic relativity, or, more strictly, the Sapir-Whorf hypothesis (since Sapir most certainly shared in the development of the idea) has, it goes without saying, attracted a great deal of attention.

¹⁵ Curiosamente, Noam Chomsky retoma Humboldt como precursor de sua linguística gerativa e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento do que se tornou a retomada de Whorf no século XX segue caminhos semelhantes ao gerativismo, que é o de colocar a Linguística como uma área da biologia. O trabalho de Sapir não tem esse destino, apesar de o nome de Whorf e de Sapir terem se consolidado nesse par, Sapir-Whorf.

¹⁶ Sem tradução exata para o português, trata-se de um conceito fundamental para a filosofia e epistemologia alemãs, e diz de uma percepção do mundo. Refere-se ao quadro de ideias e crenças que formam uma descrição global através do qual um indivíduo, grupo ou cultura regula e interpreta o mundo e interage com ele.

¹⁷ Os artigos citados não foram traduzidos para o português. Apresento, no corpo do texto, minhas traduções, seguidas do original em inglês, nas notas.

¹⁸ Cf. Orlandi, 2005.

¹⁹ “Relatividade linguística: as visões de Benjamin Lee Whorf”.

²⁰ The aim of rendering what Whorf called “linguistic relativity” sufficiently precise to be tested and criticized encounters formidable obstacles in his writings: variant formulations of the main points are often inconsistent, there is much exaggeration, and a vaporous mysticism blurs perspectives already sufficiently elusive. The

dominating thought is happily expressed in the quotation from Sapir that Whorf himself used as an epigraph for his best essay: “Human beings do not live in the objective world alone, nor alone in the world of social activity as ordinarily understood, but are very much at the mercy of the particular language which has become the medium of expression for their society. It is quite an illusion to imagine that one adjusts to reality essentially without the use of language and that language is merely an incidental means of solving specific problems of communication and reflection. The fact of the matter is that the “real world” is to a large extent unconsciously built up on the language habits of the group.” This has been called the “Sapir-Whorf hypothesis.

²¹ O termo “linguistic relativity” é o mais frequente nos textos de Whorf. Em português, consolidou-se o termo “relativismo linguístico”. Estamos trabalhando em outro artigo para discutir essa questão específica.

²² That a given language imposes an inherited vocabulary and grammar upon its users is too obvious to require mention; but of course Whorf means more than this. The “background” has to be a subsystem composed of “patterns” that are meaningful to the native speaker no less than to the investigating linguist.

²³ “Pinguins não se importam, mas mulheres sim: uma análise da identidade social de um problema whorfiano”

²⁴ “The Sapir-Whorf hypothesis is often implicitly assumed to be true independent of its empirical status. Feminist attempts to eliminate the generic he must assume that language somehow affects thought, since there is no intrinsic harm in the word itself. Research to date has, in fact, shown that generic he tends to suggest a male referent in the mind of the reader. This study asks whether people’s interpretation of a generic sentence varies depending on whether or not they have followed feminist proposals and reformed their own language.”

²⁵ The claim that masculine generic words help to perpetuate an androcentric world view assumes more or less explicitly the validity of the Sapir-Whorf hypothesis, according to which the structure of the language we speak affects the way we think (e.g., Whorf, 1956). That different languages make us think and feel differently is a compelling experience for many of us.

²⁶ Muitos textos que tratam da HSW apresentam uma diferenciação entre o que seria a interpretação forte e fraca da Hipótese. Com isso, os autores afirmam que algumas interpretações levam a questão ao pé da letra (a língua determina o pensamento de forma direta) – essa seria a forma forte da hipótese, e outras consideram a hipótese de maneira moderada (a língua causa alguma influência no pensamento).

²⁷ Thus, if we consider the weak form of the Sapir-Whorf hypothesis, which states that differences in language are correlated with differences in thought (Brown, 1958), we can restate our conclusion in this form: all groups conformed to Whorf’s thesis except the men who had reformed their language.

²⁸ Although we are far from Whorf’s (1956) speculation that the structure of language affects one’s “ideology of nature”, this finding is one case where language has cognitive consequences.

²⁹ “A linguagem encarna um ponto de vista filosófico?”.

³⁰ It was not long after anthropologists discovered that people behave differently in primitive cultures from the way they behave in more developed civilizations that moral relativism became a popular standpoint in ethics. Again, it was the work of anthropologists in combination with students of language which has given birth to another kind of relativity doctrine: linguistic relativity. This doctrine, sometimes known as the Sapir-Whorf hypothesis, challenges the common sense view that in speaking or writing or thinking with words we are merely making statements about an antecedently intelligible world, and, instead, contends that "the 'real world' is to a large extent built upon the language habits of the group" and that therefore one's conception of reality is relative to one's native language. "We are thus introduced," says Whorf, "to a new principle of relativity, which holds that all observers are not led by the same physical evidence to the same picture of the universe, unless their linguistic backgrounds are similar, or can in some way be calibrated."

³¹ A expressão “hábitos linguísticos” é uma expressão nietzscheana retomada por Sapir em vários textos. Nesse caso, os autores a atribuem a Whorf.

³² The Sapir-Whorf hypothesis exploits a concept popularized by Freudian psychology, that of unconscious mental processes. For, just as Freud argued that many of the products attributed to conscious ratiocination are really created by events outside conscious control, so Whorf posits a linguistic unconscious constituted by the set of learned linguistic habits.

³³ Linguistic idealism, which, as represented by the views of Whorf, Urban, and Cassirer, presents itself as a theory not merely of the genesis of the concepts of perceptual objects, but also of the existence and differentiation of the objects themselves, is contradicted by some of the results of Gestalt psychology, especially by the Gestalt hypothesis that perceptual organization is prelinguistic.

³⁴ Whereas Cassirer was anxious to stress the influence of vocabulary upon perception, Whorf, though not neglecting this aspect of the matter, formulated his conception of the influence of language upon perception and thought primarily by reference to grammatical categories.

³⁵ There are ambiguities in Whorf's conception of the relation between language and experience.

³⁶ “A hipótese de Whorf como uma crítica à ciência e tecnologia ocidentais”.

³⁷ Benjamin Lee Whorf's name is associated with a theory of linguistic relativity which is known by various titles -"the Sapir-Whorf Hypothesis", "the Whorf Hypothesis", "the Whorf-Lee Hypothesis". Simple cultural relativity states that every human being is born into a cultural milieu which determines what elements of the world will be important to the individual by its methods of child rearing and cultural reinforcement. Whorf's particular addition to this principle of cultural relativity was his assertion of the primacy of language in this process of selection.

³⁸ “É a linguagem uma prisão?”.

³⁹ The understanding of language as a prisonhouse merges in anthropology in the so-called Sapir-Whorf hypothesis. Cultural differences, especially those in worldview, are attributed to language differences.

⁴⁰ “Whorf e seus críticos: influências linguísticas e não-linguísticas na memória das cores”.